

Recensões

BELLAH, Robert N., *Religion in Human Evolution. From the Paleolithic to the Axial Age*. Cambridge: The Belknap Press of the Harvard University Press, 2011, 746 p.

Digamos logo de início que este não é um livro de um principiante, o que se pode notar até pelas 150 páginas de notas e índice. Robert Ballah, professor emérito da Universidade da Califórnia. É uma obra de chegada com dimensões de solidez evidentes, mas também dimensões ousadas que remetem a amplos conhecimentos e questões insólitas que a sabedoria da experiência o autor puderam acolher.

Como o próprio autor reconhece, é um livro amplo para um assunto mais amplo ainda e isto se torna ainda mais verdadeiro quando se considera o arco de tempo e de temas que Bellah tem em vista. Mas não está aqui o principal desafio. E, sim, no leque de etapas que ele considera e na sua tentativa de abordagem multidisciplinar da fenomenologia religiosa. Se ele atinge o seu objetivo ou não, é algo que de um certo modo fica no ar exatamente pelo campo praticamente enciclopédico que ele contempla.

O livro pode ser, *grosso modo*, dividido em duas partes. Na primeira temos mais os aspectos teóricos das abordagens acadêmicas da fenomenologia religiosa, especialmente os aportes da sociologia, da antropologia e da psicologia, com elementos relacionados à neurociência contemporânea, terminando com uma centena de páginas sobre as buscas de compreensão um tanto tateante do surgimento da religião, amplamente falando. Num primeiro momento, Bellah lida até de um modo um tanto flexível com os conceitos de religião e realidade buscando aferir até que ponto uma tem algo a ver com a outra e em que termos isto ocorre. Naturalmente, dado a própria perspectiva da obra, *um capítulo até que longo, traça as linhas gerais do que se* poderia chamar de dimensão evolutiva da religião. Depois

deste aparato conceitual, Bellah põe em pauta a temática da ancoragem do surgimento da religião relacionando-o à busca do sentido e a relação com o poder (religião tribal e arcaica). Surpreendentemente, na conclusão ele retoma este assunto para relacioná-lo agora à dimensão de *play* (termo, claramente polissêmico em inglês). Há uma certa convergência hoje em dia, da assunção da dimensão fantástica como um fator influente no ser humano não só como pertinente à compreensão da experiência como também sendo uma chave significativa na compreensão de si mesmo (ritos, rituais, arte, etc.).

A segunda parte está toda ela ancorada no que se convencionou chamar de *tempo axial*, na esteira no pensamento de Jaspers e de outros. Assim ele distribui este tempo axial em quatro grandes momentos, ainda que de algum modo e espantosamente, coincidentes. A religião do Antigo Israel, da Grécia antiga, da China do último milênio antes de Cristo e por fim, a religião da Índia antiga. Aqui temos um excelente resumo das principais características destas religiões e no que elas coincidem e em que são singulares.

O leitor não deve deixar-se enganar por esta visão panorâmica. Trata-se de uma obra de difícil síntese, mesmo em linhas gerais, dado a imbricação de teorias, conceitos e abordagens. Como um resumo, pode-se dizer que a temática da religião e sua compreensão deverá lidar, nos termos de Bellah (p. 598 e ss) com a análise do que ele chama de meta-narrativa. Os nossos discursos devem superar o nós e o eles (ocidentais e não-ocidentais), os primitivos e os *ulteriores* (os fenômenos mais sofisticados e os vistos como mais simples), os vencedores e os vencidos (estes vistos como pedras necessárias para os degraus de ascensão dos grandes). No fundo, para Bellah, estamos ainda em busca da uma história universal e *a evolução da vida e da cultura não apresenta base alguma para um triunfalismo* afirma ele com certo pessimismo. Em resumo, o que ele propõe é que o conhecimento da história – e de toda a evolução da vida e das culturas – não deve deixar de ser também uma visão de advertência. Tivemos cinco grandes eventos de extinção (pelo menos 50% da vida) na história da vida no arco de último meio bilhão de anos. Os mais conhecidos são o do Terciário (Cretáceo) há cerca de 65 milhões de anos com a extinção dos dinossauros e o do Permiano (Triássico) há

245 milhões de anos quando praticamente 96% da vida marinha e praticamente 70% da vida terrestre foi extinta. Todas as grandes mortandades do passado tiveram como causa algo físico: vulcões ou meteoritos. Mas a quinta extinção, dentro da qual estamos vivendo é biótica e a causa é o ser humano. Para Eldredge, citado por Bellah, esta história começou há 100 mil anos atrás e do jeito como as coisas andam, não haverá grande reserva de futuro.¹ Diante deste desafio, Bellah lança um olhar para ao tempo axial e retira de lá aspectos que podem ser questionados como formas de solução da vida humana pacífica (Buda, Confúcio, Segundo Isaías etc. p. 602). Para ele a solução caminha na direção de se superar a ideia de que *as outras tradições* [religiosas, filosóficas, culturais] *estariam respondendo às nossas questões*. E daqui decorrem duas saídas: temos repostas melhores que eles ou que elas foram propostas para responder estas questões, que no fundo são nossas. Isto é o que Thomas McCarthy² vai chamar de *conflito de interpretações*. E a superação disto será, inevitavelmente, o diálogo com a manutenção das diferenças. A longa história da evolução da vida e da cultura, para Bellah, não trazem muitos exemplos disto. Estamos, pois, diante de uma novidade!

¹ Cf. Niles ELDREDGE, *The Sixth Extinction*, disponível na Internet.

² Cf. Th. McCARTHY, *Race, Empire, and the Idea of Human Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 223.

José Luiz Cazarotto

BIANCHINI, Francesco. *L'analisi retorica delle lettere paoline*. Un'introduzione. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 2011, 80 p.

O autor é um jovem biblista, doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma em 2006, com uma tese sobre o uso paulino da *periautologia* (elogio de si mesmo) em Fil 3,1 - 4,1. Desde os seus estudos no *Biblicum*, orientado especialmente pelo Prof. Jean-Noël Aletti, SJ, ele vem estudando o uso dos expedientes retóricos por Paulo. Nesse sentido resolveu oferecer, com este pequeno livro, uma introdução para mostrar a importância do uso da metodologia que pratica no estudo das cartas paulinas.

Primeiramente Francesco Bianchini diferencia algumas metodologias que poderiam ser confundidas. Ele apresenta *o *rethorical criticism*, *a retórica bíblica, *a nova retórica e, por fim, *a RETÓRICA LITERÁRIA, que é a metodologia que ele defende e que vem se afirmando, sobretudo, no âmbito italiano recente. Ela bebe das outras metodologias aparentadas (menos da retórica bíblica), isto é do *rethorical criticism* e da nova retórica, mas propõem-se ir além de aspectos que crê fragmentários nessas metodologias.

O que a retórica literária bebe do *rethorical criticism*? Essa metodologia firmou-se EUA nos anos 70 do séc. XX e, após ter estudado a retórica manualística clássica, tende a aplicar em modo pouco flexível os esquemas retóricos clássicos para a interpretação dos escritos paulinos. Paulo, ao invés, mostra-se muito livre no momento de seguir os cânones literários da sua época. Assim, a metodologia retórico-literária busca, com mais flexibilidade que o *rethorical criticism*, estudar a composição do texto com seus expedientes retóricos, delinear o seu desenvolvimento para chegar ao nível da argumentação e, por fim, à compreensão da mensagem ali contida. Nesse sentido, o estudo da retórica clássica – na linha do *rethorical criticism* – é de muita ajuda, mas não tem a palavra decisiva.

O que a retórica literária bebe da nova retórica? Sobretudo a sua atenção pela argumentação presente no discurso paulino e a capacidade persuasiva e performativa

do texto voltada aos destinatários da carta. Mas, a retórica literária procura ir além, a partir da convicção de uma profunda ligação entre retórica e teologia no epistolário paulino.

No segundo capítulo Bianchini traça brevemente a história da retórica, em uma síntese muito instrutiva, delineando esta história em modo que a Retórica de Aristóteles (3 livros) funciona como *divisora de águas*. Após isso, no terceiro capítulo o autor busca apresentar como a retórica influenciou o estudo dos livros bíblicos ao longo da história. Na verdade esta influência foi tornando-se sempre menos significativa, até a sua redescoberta nos anos 70 do século passado, quando a tendência começou a modificar-se especialmente a partir de dois fatores importantes: a redescoberta da retórica nos estudos clássicos e certa insatisfação com a metodologia histórico-crítica, até então absolutamente dominante no campo dos estudos bíblicos.

No capítulo quarto o autor apresenta a metodologia da retórica literária e seus passos, após responder a possíveis objeções, especialmente em relação ao conhecimento que Paulo tinha dos expedientes retóricos de seu tempo. Concomitantemente, no capítulo quinto ele oferece exemplos para clarear quanto enunciado no capítulo anterior. São apresentados três exemplos: *a busca da *dispositio* retórica de Romanos 1-4, *a busca do gênero literário de Filipenses 3,1 - 4,1 e *o procedimento argumentativo de 1Coríntios 12-14. Este capítulo é particularmente interessante. Nele Bianchini ajuda, na prática, a perceber como a retórica literária contribuiu efetivamente para a exegese dos escritos paulinos. Assim, por exemplo, ele explica que através desse método se entende o uso da *periautologia* como gênero literário em Filipenses 3,1 - 4,1 e a presença no capítulo 13 entre os capítulos 12 e 14 da 1Coríntios, como parte integrante e fundamental da argumentação do apóstolo, e não como um corpo estranho ao discurso.

No último capítulo, por fim, o jovem exegeta procura sintetizar a caminhada feita apresentando as vantagens da metodologia proposta, sobretudo para colher as estratégias comunicativas e a teologia presentes nas cartas de Paulo.

Este livro propõe-se a ser uma introdução ao uso da metodologia retórica literária. De fato, o autor consegue ativar a curiosidade do leitor mas, se este desejar apro-

fundar-se no uso da metodologia, deverá necessariamente buscar ulteriores aprofundamentos. Em outras palavras, na prática o presente livro não ensina como aplicar a metodologia proposta, visto tratar-se de uma introdução bastante **súmria**, não obstante a riqueza dos exemplos do capítulo quinto. Nesse sentido, oxalá o autor, a partir do seu formidável conhecimento teórico e prático, ofereça no futuro uma introdução ulteriormente desenvolvida, tendo em vista ajudar os exegetas desejosos de aprender a aplicar esta metodologia, passo a passo, com detalhe, visto que o autor consegue provar a sua importância para uma melhor compreensão das cartas paulinas.. Além disso, nesse possível ulterior desenvolvimeto, Bianchini poderia também, talvez com o uso de exemplos, ajudar o leitor a entender melhor a diferenças entre as diferentes metodologias retóricas citadas e explicadas no capítulo primeiro.

Antônio César Seganfredo